

## CANOAGEM PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA<sup>1</sup>

### CANOEING FOR PEOPLE WITH VISUAL DEFICIENCY: A REPORT OF EXPERIENCE

### CANOJE PARA PERSONAS CON DISCAPACIDAD VISUAL: UN RELATO DE EXPERIENCIA

Matheus Bezerra de Souza, UFMS,

[matheusb.souza98@gmail.com](mailto:matheusb.souza98@gmail.com)

Claudio Benites da Silva, UFMS,

[claudiobenites81@gmail.com](mailto:claudiobenites81@gmail.com)

Junior Vagner Pereira da Silva, UFMS,

[jr\\_lazer@yahoo.com.br](mailto:jr_lazer@yahoo.com.br)

*PALAVRAS-CHAVE: Canoagem; Deficientes Visuais; Esportes para deficientes visuais.*

## INTRODUÇÃO

É frequente a percepção de que modalidades que envolvam o risco como elemento de prática sejam impróprias para pessoas com deficiência. Tais concepções refletem diretamente a in(ex)clusão das pessoas com deficiência (PD) nos esportes de aventura, os quais por serem considerados perigosos, possuem características que, no olhar alheio, tornam o limitante físico e ambiental uma barreira às PD.

A falta ou formação deficitária de professores para atuarem frente a este público e a ausência de políticas de incentivo às práticas de atividades na natureza para pessoas com deficiência visual (PDV) fazem com que esta parcela da população fique a margem das vivências e experiências propiciadas pelo contato com o mundo.

Mediante as barreiras ao acesso a vivências esportivas de aventura as quais as pessoas com deficiência visual estão sujeitas, este trabalho, objetiva relatar possibilidades pedagógicas da canoagem para pessoas com deficiência visual (CPDV) e suas contribuições para formação

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

profissional de professores de Educação Física, a partir do desenvolvimento de um projeto esportivo de inclusão.

## MÉTODOS

O trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de um projeto esportivo CPDV.

A equipe do projeto foi composta por dois professores, três monitores e quatro PDV que nunca haviam praticado a modalidade. Das quatro PDV, três são do sexo masculino e uma do sexo feminino; dois com baixa visão e dois cegos.

O registro das aulas e percepções tomadas a partir da monitoria deram-se por meio de um diário de campo e registros fotográficos das aulas.

O projeto objeto do estudo foi o “Mais Aventura, Mais Inclusão”, iniciativa do primeiro autor deste trabalho, em parceria com a Federação de Canoagem de Mato Grosso do Sul.

O local das intervenções foi o lago do Parque das Nações Indígenas, em Campo Grande – MS, com aulas realizadas de maio a dezembro, duas vezes por semana, 90 min. por aula. As aulas foram predominantemente práticas, exceto uma atividade de equilíbrio e remada em terra, executadas na primeira aula.

## RESULTADOS

Nas aulas foram feitas pequenas adaptações metodológicas (ampliação e a estruturação da comunicação verbal clara e padrão), reconhecimento dos equipamentos pelo tato, a utilização de um auxílio tátil nos remos e criação de comunicação auditiva por intermédio de sinais sonoros (apito), com a criação de códigos – silvo contínuo (manter à direção), um silvo longo (virar à esquerda), dois silvos longos (virar à direita).

A comunicação verbal padrão clara e objetiva permitiu que os alunos desenvolvessem autonomia nas remadas, precisando de auxílio em poucos momentos, tais quais na hora do embarque e desembarque.

No que tange ao processo formativo com os monitores, aplicamos duas aulas, uma com vendas e outra sem. Com está vivência pode-se perceber a dificuldade exigida na modalidade, nos permitindo observar o papel fundamental do profissional preparado e com

conhecimento sobre os alunos e suas necessidades. A relação de confiança e diálogo estabelecido também foi de fundamental importância durante as aulas.

Como expõem Silva (2017), salientamos a importância dos profissionais conhecerem os alunos com os quais estão trabalhando, assim como as particularidades da pessoa com deficiência visual, o que corrobora com a melhora do aprendizado e superação de barreiras.

### CONCLUSÃO

Conclui-se que, a partir das experiências obtidas nas intervenções realizadas, é possível a prática de CPDV em um ambiente controlado. Não obstante, entendemos a necessidade de uma formação acadêmica que proporcione aos discentes experiências práticas ao longo sua formação acadêmica.

### REFERÊNCIAS

SILVA, C.B.S. Esportes de Aventura para pessoas com deficiência visual: Percepções. 2017. 105f. *Monografia* (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande/MS. 2017. IBGE. Censo. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. 2010.